



Diálogos

ISSN 2177-2940



O mal-estar em Ulrich Becher: a sombra do nazismo e o refúgio no Brasil

 <https://doi.org/10.4025/dialogos.v28i2.72378>

Diego Luiz dos Santos

 <https://orcid.org/0000-0002-9965-253X>

Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Rio de Janeiro-RJ, BR

E-mail: santos.diegoluz@gmail.com

Ulrich Becher's anguish: the shadow of nazism and refuge in Brazil

Abstract: This paper discusses the time spent in Brazil by writer and illustrator Ulrich Becher (1910-1990) between 1941 and 1943. A German of Jewish origin, Becher was persecuted by the Nazis and exiled to the country in the early 1940s alongside his wife Dana Roda. Despite surviving Nazi persecution, the traumatic experiences they experienced in Europe and the difficulties they had in adapting to exile left their time in the country marked by malaise and a distressing sense of not belonging. Through the analysis of letters and literature from exile, his trajectory offers a micro perspective that allows us to reflect on the impact of involuntary displacement on the mental health of refugees and survivors of extreme situations.

Key words: Nazism; Refugees; Mental Health.

El malestar de Ulrich Becher: la sombra del nazismo y el refugio en Brasil

Resumen: El artículo aborda el paso del escritor e ilustrador Ulrich Becher (1910-1990) por Brasil entre 1941 y 1943. Alemán de origen judío, Becher fue perseguido por los nazis y exiliado en el país a principios de la década de 1940 junto a su esposa Dana Roda. A pesar de sobrevivir a la persecución nazi, las experiencias traumáticas vividas en Europa y las dificultades de adaptación al exilio hicieron que su estancia en el país estuviera marcada por el malestar y un angustioso sentimiento de no pertenencia. A través del análisis de cartas y literatura del exilio, su trayectoria ofrece una perspectiva micro que permite reflexionar sobre el impacto del desplazamiento involuntario en la salud mental de refugiados y sobrevivientes de situaciones extremas.

Palabras clave: Nazismo; Refugiados; Salud Mental.

O mal-estar em Ulrich Becher: a sombra do nazismo e o refúgio no Brasil

Resumo: O artigo trata da passagem do escritor e ilustrador Ulrich Becher (1910-1990) pelo Brasil entre 1941 e 1943. Alemão de origem judaica, Becher foi perseguido pelo nazismo e exilou-se no país durante no início da década de 1940 ao lado de sua esposa Dana Roda. Apesar de sobreviverem à perseguição nazista, as traumáticas experiências vividas na Europa e as dificuldades de se adaptarem ao exílio fizeram com que sua passagem pelo país fosse marcada pelo mal-estar e pela angustiante sensação de não-pertencimento. Por meio da análise de cartas e literatura de exílio, sua trajetória oferece um olhar micro que nos permite refletir sobre o impacto do deslocamento involuntário para a saúde mental de refugiados e sobreviventes de situações-limite.

Palavras-chave: Nazismo; Refugiados; Saúde Mental.

Recebido em: 29/05/2024

Aprovado em: 04/12/2024

Este artigo trata do impacto do nazismo e do deslocamento involuntário para a subjetividade de refugiados. A análise se centra nas experiências de mal-estar relatadas em literatura de exílio e cartas de sobreviventes do nazismo que se refugiaram no Brasil durante as décadas de 1930 e 1940.

O artigo visa contribuir para a reflexão social e política da situação dos deslocamentos forçados por meio da historicização do cuidado para sobreviventes, em especial das políticas públicas que foram organizadas no Pós-II Guerra em prol da saúde psíquica destes sujeitos. Com esse objetivo, o trabalho dialoga com a historiografia e a produção de áreas afins, sejam elas envolvidas em políticas públicas para imigrantes ou com a saúde mental, seja pela interface com a sociedade de modo geral. Integra, portanto, esforços de articular a consciência histórica com a saúde pública em prol de políticas públicas eficientes¹.

O recorte temporal escolhido circunscreve um período de grande relevância para a história dos refugiados no Brasil, já que mais de 15 mil pessoas de língua alemã desembarcaram em terras brasileiras entre a ascensão do nazismo na Europa (1933) e o fim da II Guerra Mundial (1945), (KESTLER, 1999; PARADA, 2015). Perseguidos em seu país de origem em razão de conflitos étnicos, políticos e morais, a vinda de muitos desses deslocados certamente impactou o desenvolvimento acadêmico, científico e artístico local. Nomes de reconhecimento internacional, como Stefan Zweig, Marthe e Alice Brill, Otto Maria Carpeaux e outros alçaram receber um visto permanente no Brasil.

O artigo direciona suas lentes à trajetória de um destes imigrantes forçados: o escritor e ilustrador Ulrich Becher (1910-1990), alemão de origem judaica que se exilou no Brasil de 1941 a 1944 com sua esposa, Dana Roda Becher. Sua breve passagem pelo país, apesar de significar sobreviver ao ódio e à perseguição nazista, foi também marcada pelo mal-estar e pela sensação de não-pertencimento, sendo ao casal impossível sentir-se “em casa” no novo país.

O sentimento de inadequação é uma constante na vida de muitos deslocados. Assim, a passagem de Ulrich Becher pelo país nos oferece um olhar “micro” sobre a história do mal-estar destes sujeitos e, como indica o historiador Giovanni Levi, pode nos revelar “fatores previamente não observados” (LEVI, 1992. p. 139).

1. O fora-de-lugar: a dor dos que não podem mais voltar

As histórias dos sobreviventes da II Guerra Mundial permitem refletir sobre o impacto

1 Este texto é um dos resultados da pesquisa de pós-doutorado intitulada A saúde mental de refugiados no Brasil (1938-1953): testemunhos de fascismos e de traumas, realizada pelo autor no Departamento de Pesquisa em história das Ciências e da Saúde (DEPES) da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, sob supervisão da Prof. Dr^a. Cristiana Facchinetti e com bolsa financiada pelo programa Inova/Fiocruz.

traumático do autoritarismo político e da perseguição para a subjetividade dos refugiados. Isso porque, como afirmou Andreas Huyssen (2001: 17), a memória do Holocausto acabou se convertendo num *tropo* universal para pensar os genocídios e histórias traumáticas em diversos contextos.

A história de Stefan Zweig, por exemplo, nos apresenta um escritor vienense de origem judaica que já era um intelectual reconhecido e admirado mundialmente quando, em 1939, partiu com sua esposa Charlotte Zweig (Nascida Altmann) com passagens só de ida para o Brasil, nação que foi descrita por ele como “o país do futuro”². Mesmo narrando o país que o acolhera como a representação da esperança e do pacifismo, exatamente onde Estados Unidos e Europa haviam falhado (ZWEIG, 2014), o passado nunca os deixou. Em fevereiro de 1942, o casal cometeu suicídio em sua casa de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro. Um ato que aponta para a insuficiência do sobre-viver, escancarando aquilo que a escritora Adrienne Rich descreveu como “o que acontece depois da sobrevivência: a vida que parece continuar, mas não pode perseverar; a vida que segue lutando contra uma vasta alienação” (RICH, 1990, p. 19).

Mas essa experiência não foi apanágio apenas daqueles que encontraram refúgio no Brasil, claro. Um grande exemplo é a trajetória narrada pelo artista estadunidense Art Spiegelman na autobiografia em quadrinhos *Maus: A história de um sobrevivente*. Publicada em dois volumes (1986-1991), a obra se inspira na trajetória dos pais do autor, judeus poloneses que sobreviveram ao Holocausto, para tratar das consequências da perseguição e da guerra nessa família.

A narrativa tem como ponto de partida a história de um homem que, mesmo tendo sobrevivido ao Holocausto, foi incapaz de esquecer a fome, as dificuldades e todo o sofrimento vivido nos tempos de guerra. Algo que incidiu pesadamente em sua convivência com sua família, especialmente na relação com seu filho, nascido após a guerra.

No texto *Trauma e neurose em HQs: a história de um judeu americano*, por exemplo, Santos e Facchinetti (2023) analisam a obra e, numa discussão sobre a transgeracionalidade traumática, tratam das diversas maneiras pelas quais o trauma poderia se manter vivo no inconsciente dos sobreviventes e ser transmitido às gerações posteriores (SANTOS E FACCHINETTI, 2023, p. 94).

Por sua vez, a história de Ulrich Becher, contada no presente artigo, é a história de um

² É importante ressaltar que há controvérsias sobre o olhar tão otimista de Zweig em relação ao Brasil. Alguns pesquisadores, como Lesser (1994) sustentam a hipótese de que suas utópicas declarações sobre o país foram encomendadas pelo governo de Getúlio Vargas em troca de sua permanência em território brasileiro. Por outro lado, pesquisadores como Adelaide Hertz (2001) refutam a hipótese afirmando que Zweig já havia escrito a seu editor brasileiro, Abrahão Koogan, revelando seus planos de escrever a obra “Brasil, um país do futuro”. Donald Prater, biógrafo de Zweig, tende a concordar com o segundo posicionamento, de que a obra não foi encomendada pelo governo de Vargas, mas acredita, contudo, que o livro “de uma certa forma tenha sido pago pela hospitalidade do governo, que algumas vezes cobriu despesas de estadia e viagens” (PRATER, 1981, p. 155).

sujeito que se sente incapaz de se adaptar à terra que o forneceu exílio, sendo acometido por uma dolorosa angústia e sensação de não-pertencimento.

Sensação que parece constante em muitos dos relatos de refugiados do nazismo. Karl Lustig-Prean, um intelectual nascido no Império Austro-Húngaro e que chegou no Brasil em 1937, descreveu esse mal-estar da seguinte maneira: “poderíamos imaginar que ser emigrante é uma espécie de trabalho, mas não era assim - ser emigrante era como a perdição. Era um estado de vida entre dois mundos, um não mais e ainda não, um talvez-nunca-mais e talvez-uma centelha de esperança” (LUSTIG-PREAN, 1952, p. 263).

De certa forma, este é um conceito que nos ajuda a compreender muito sobre a trajetória de Becher. A angústia de ser rejeitado em sua própria terra como se fosse um inimigo de seu próprio povo e ter de viver em estado de constante transitoriedade, no qual, onde quer que esteja, permanece no sujeito a sensação de ser um estrangeiro, não apenas no sentido jurídico, mas em relação à língua, à cultura, à sua própria identidade.

Em estudo recente, o psicólogo especialista em imigração, Gustavo Machado reafirmou como a condição de migrante involuntário carrega em si toda uma sorte de “traumas e desejos muitas vezes barrados pela violência e pela opressão” que pode converter-se num “cenário fértil para o sofrimento que pode não encontrar caminhos de saída” (MACHADO, 2023: 31).

Seguindo nesta mesma esteira, Martinello et al (2024), demonstram que o fato de a migração involuntária estar intimamente relacionada a determinantes sociais relevantes - como o desemprego, o preconceito, a perseguição política, etc - demonstram que o cuidado com estes sujeitos se inclui numa esfera que não é exclusivamente médica, mas também política e moral.

Diante disso, este artigo se propõe a refletir acerca das consequências desse desterro para quem vive esta experiência. Em seus estudos sobre a migração involuntária como fator de risco à saúde mental, Lucienne Martins-Borges, psicóloga e especialista no tema, discute a longa trajetória que se dá entre o conflito no país de origem do sujeito e o processo de adaptação no exílio. De acordo com ela:

Os refugiados, pelo caráter involuntário e repentino de seu deslocamento, transportam consigo muito pouco do que até então caracterizava sua identidade: hábitos, relações, status profissional e social, residência. Essas partidas não-planejadas, e muitas vezes não-desejadas, são frequentemente tomadas por um sofrimento psicológico diretamente ligado ao traumatismo ao qual foram submetidos no período pré-migratório e migratório (violências diversas, tortura, testemunhas e vítimas de massacres, morte de parentes, amigos, etc) (MARTINS-BORGES, 2013, p. 152).

A escritura desse artigo justifica-se exatamente na busca de compreender essa experiência –

que parece ser coletiva, mas é, ao mesmo tempo, radicalmente única. A trajetória de Ulrich Becher é um fragmento cuja análise nos permite observar uma questão social mais ampla (BARROS, 2007, p. 174-175). Ou seja, nos permite pensar o mal-estar dos refugiados do nazismo no Brasil por meio de um jogo de escalas (REVEL, 1998), que passa a refletir na conjuntura em que esses indivíduos estavam, o grupo a que pertenciam e as condições sociais que permearam seu asilo no Brasil.

2. Ulrich Becher: um intelectual europeu longe da Europa

Ulrich Becher nasceu em Berlim, na Alemanha, em 02 de janeiro de 1910. Filho do advogado Richard Becher e da pianista Elisabeth Ulrich, quando jovem concluiu os cursos de Direito e de Artes, mas dedicou-se especialmente ao ofício do segundo.

Muito antes de terminar os estudos, tornou-se discípulo e grande amigo do pintor expressionista George Grosz, descrito por ele como “o mais amargo, o mais impiedoso crítico social da Alemanha de Weimar” (MICHAHELLES, 2021, p. 76).

A crítica política e social, uma das grandes características de seu mentor também pautou grande parte da obra de Becher (KESTLER, 1999; ECKL, 2011). Em 1932, ele publicou sua primeira coletânea de contos, intitulada *Männer machen Fehler*, ou *Homens cometem erros*, em tradução literal. Diante da boa recepção de seu livro³ no auge de seus 22 anos, a promissora carreira do escritor parecia avançar a plena velocidade, até ser cerceada pela ascensão de Hitler na Alemanha em 1933. A partir de então, os nazistas foram pouco a pouco eliminando muitos dos direitos dos judeus, decretando boicote aos seus negócios, exonerando-os do serviço público e outras exclusões que visavam colocá-los à margem da sociedade alemã (WILDT, 2012).

Não demorou para que os livros de Ulrich Becher fossem classificados pelos alemães como “arte degenerada” (*entartete Kunst*)⁴ e se tornassem alvo da censura nazista. O escritor já havia migrado para a Áustria quando as cinzas de sua obra voaram sobre a cidade de Berlim (KESTLER, 1999, p. 112) em 10 de maio de 1933, na noite em que estudantes universitários hitleristas de 19

3 Segundo o texto “Ulrich Becher” da exposição na mostra online Kuenste im Exil, disponível em < <https://kuenste-im-exil.de/KIE/Content/EN/Persons/ulrich-becher.html> >. Acesso 07 de novembro de 2024.

4 A ideia de degeneração teve suas origens campo médico, durante o século XIX e partia do princípio que algumas pessoas – os degenerados - seriam pessoas portadoras de uma falha genética facilmente identificável por meio de estigmas físicos. Tais falhas, além de hereditárias, impactariam no caráter, no comportamento e na saúde do sujeito degenerado, tornando-o predisposto à loucura, ao alcoolismo, ao crime, etc. Na virada para o século XX, a teoria ganhou contornos raciais e passou a ser alinhada a um projeto colonialista e imperialista ao ser adotada pelas elites para se referir àquele que segue na direção oposta ao progresso humano. Neste contexto, o homem branco europeu foi apontado como o pilar do progresso civilizatório, um ideal a ser seguido, em oposição aos não-brancos e aos loucos, que se encontrariam muito mais próximos do primitivo. Na Alemanha nazista, o conceito de degeneração foi deslocado também para o campo da estética e obras associadas a movimentos como o expressionismo, fauvismo e outros, além de artes produzidas por judeus, foram definidas como “arte degenerada” e passaram a ser perseguidas no país por representarem a expressão da decadência humana.

SANTOS, Diego Luiz dos. O mal-estar em Ulrich Becher: a sombra do nazismo e o refúgio no Brasil

idades do país promoveram uma grande queima de livros (EVANS, 2003, p. 411). Apoiados pelo Ministério da Propaganda de Josef Goebbels (KESTLER, 1999, p. 112), estes jovens afirmavam realizar um “ato contra o espírito não alemão” (EVANS, 2003, p. 411).

Meses antes da queima de livros, outro evento marcado pelo fogo já havia dado um novo rumo a sua história: O incêndio criminoso no *Reichstag*, o palácio do Parlamento Alemão, em 27 de fevereiro de 1933. O evento, cuja autoria foi atribuída ao militante comunista neerlandês Marinus Van der Lubbe, é compreendido por historiadores como um dos estopins para que a Alemanha se tornasse uma ditadura sob a liderança de Hitler (EVANS, 2003, p. 341).

De acordo com Kestler (1999, p. 111), a partir daquela noite intensificou-se a perseguição e a detenção de escritores, intelectuais e militantes de esquerda que se posicionavam contra o regime nazista na Alemanha, dando início ao êxodo em massa destes sujeitos. Ulrich Becher foi um deles. Conforme ele mesmo afirmaria posteriormente: “Como o ‘autor degenerado’ mais jovem da Alemanha e o membro mais jovem do círculo de George Grosz, deixei o país durante a noite do incêndio do *Reichstag* em 1933, não por ‘motivos racistas’, mas para evitar ser levado sob custódia protetora”⁵ por causa da minha arte.

Em novembro daquele mesmo ano, já no exílio voluntário, Ulrich Becher se casou com Dana Roda, sua antiga colega de faculdade e filha do escritor Alexander Roda Roda. Após o casamento, os Becher passaram a viver entre a capital da Áustria – terra de Dana - e o vale da Engadina, na Suíça - terra da mãe de Becher.

Em 4 de novembro de 1935, o escritor chegou a enviar uma carta a seus pais, que ainda viviam na Alemanha, deixando transparecer todo seu otimismo em relação à Viena, país que considerava próspero e seguro:

As medidas contra os nazis, que foram praticamente erradicadas aqui, são tremendamente severas, enquanto os socialistas são agora tolerados (...). Hoje em dia, Viena parece-me ser uma das poucas grandes cidades europeias onde é possível viver depois de ter vivido em Berlim (...)⁶.

Seduzidos pela cidade, o casal decide se estabelecer em Viena, porém seus planos acabam sendo frustrados pela instabilidade política europeia. Poucos dias após o escritor assumir a cidadania austríaca, em março de 1938 (ECKL, 2011, p. 131), a Alemanha deu início a sua política expansionista, invadindo e anexando a Áustria sem enfrentar qualquer resistência militar

5 Da exposição na mostra online Kuenste im Exil, disponível em < <https://kuenste-im-exil.de/KIE/Content/EN/Persons/ulrich-becher.html> >. Acesso 27 de abril de 2024. Tradução livre.

6 Carta de Ulrich Becher a seus pais em 04 de novembro de 1935. Em exposição na mostra online Kuenste im Exil, disponível em < <https://kuenste-im-exil.de/KIE/Web/EN/Navigation/Special-exhibitions/UlrichBecher/02-between-berlin-and-vienna/between-berlin-and-vienna.html> >. Acesso 15 de maio de 2024. Tradução livre.

(HOBSBAWM, 2003, p. 148).

Ulrich e Dana refugiaram-se então na Suíça, país que manteve o discurso de neutralidade durante todo o conflito. Ali, acreditavam poder viver e trabalhar em paz, à margem da guerra, especialmente pelo fato de a mãe de Becher ser uma cidadã daquele país (MICHAHELLES, 2021, p. 76).

A sombria atmosfera do nazismo, contudo, passava a se tornar cada vez mais presente e, aos poucos, o escritor se deu conta de que o mundo ruía a seu redor. Em estudo sobre o impacto da imigração involuntária na saúde mental de refugiados, Ferreira et al (2021), demonstram como grande parte do mal-estar psíquico sofrido pelos refugiados vem não só das experiências de discriminações, mas também de “rupturas de projetos de vida e com a cultura de origem” (Ferreira et al, 2021: 155). Quando olhamos para a história de Becher, podemos notar a maneira como esse mal-estar, pouco a pouco, vai se tornando um peso cada vez maior diante de tamanhas frustrações. Em 11 de julho de 1939, por exemplo, em carta endereçada a seu amigo George Grosz – que já vivia nos Estados Unidos desde 1933 -, falou sobre os inúmeros planos interrompidos em seu trabalho: “(...) as coisas têm estado muito, muito ruins. Por várias luas, eu estive doente; problemas no pescoço; todo meu planejamento, com conclusão de livro, contrato de publicação favorável e tudo mais, desmoronou” (BECHER apud BECHER e GROSZ, 1989, p. 130-131. Tradução livre).

Àquela altura, a Alemanha já havia se tornado um passado distante. Na madrugada de 09 para 10 de novembro de 1938, vários ataques a judeus, a seus estabelecimentos e a sinagogas foram coordenados em toda a Alemanha, Áustria e Tchecoslováquia, alimentando uma crescente onda de violência contra as pessoas e a cultura de origem judaica. Na manhã seguinte, a imagem dos cacos de vidro dos estabelecimentos destruídos cobria toda a cidade, fazendo com que o evento ficasse popularizado com o nome de *Kristallnacht*, a noite dos cristais (FRIEDLANDER, 2009).

Porém, mesmo não mais suportando o que ele chamava de “o eixo cativo da Suíça” (BECHER apud BECHER e GROSZ, 1989, p. 151. Tradução livre), deixar o Velho Mundo estava longe de ser o desejo de Ulrich Becher. Em carta a George Grosz - que nunca foi enviada -, Becher afirmava decisivamente: “vou ficar na Europa”. Anos depois, porém, o escritor revelou sentir “uma espécie de vergonha” por não ter seguido o seu “grande slogan” (BECHER apud BECHER e GROSZ, 1989, p. 151. Tradução livre), cedendo à realidade. Quando a iminência da partida se anunciou, em agosto de 1939, o escritor publicou um poema sobre a Europa:

O dia chegará,
quando eu vou deixar você,
Você, minha pátria, Europa.

Talvez eu deva cair em batalha,
Pela sua liberdade europeia
Em um campo que ontem ainda
rendeu pão pacificamente;
Em um campo que durante a noite
foi destruído, tornado eternamente estéril
Através do fogo e do aço
Através da raiva e do sangue.

Talvez eu vá buscar
Para vocês, europeus, liberdade,
Para atizar o fogo em um lugar estrangeiro (sic);
Passeie entre edifícios altos
Olhe sem sorrir nos olhos de uma mulher,
Ouça música, beba uísque e
talvez isso aconteça
Volte novamente: um dia com sorrisos.

Mas nunca
esteja bêbado ou morto,
eu vou deixar ir
Você, Europa, minha casa
(BECHER apud ENDRIES, 2005, p. X).

Com o passar dos meses e com a tensão na Europa se tornando cada vez mais alarmante, a postura antifascista de Becher passou a ser vista pelas autoridades da Suíça como uma ameaça ao princípio de neutralidade do país. Expulsos, ele e sua esposa rumaram para Londres, onde decidiram, finalmente, buscar exílio fora do continente do Europeu. Richard e Elise Becher, pais de Ulrich, os acompanharam durante parte desta jornada (MICHAHELLES, 2021, p. 76).

Alexander Roda Roda e Elsbeth von Weysen, pais de Dana, já haviam migrado para os Estados Unidos da América em 1941 e tentaram, sem sucesso, conseguir a autorização para que a filha e o genro se juntassem a eles⁷. Sem alternativas, a família Becher acabou vindo para o Brasil.

Vale mencionar que naqueles anos, a entrada no país não era tão simples para estrangeiros. Desde o golpe que colocou Getúlio Vargas no poder em 1930 e especialmente após o golpe do Estado Novo no Brasil, em 1937, a política imigratória do país passou a se tornar cada vez mais

⁷ Carta de Dana Becher a seus pais em 09 de julho de 1941. Em exposição na mostra online Kuenste im Exil, disponível em < <https://kuenste-im-exil.de/KIE/Content/EN/SpecialExhibitions/UlrichBecher-en/Objects/04-exile-in-brazil/brasilien.html> >. Acesso em 12 de outubro de 2024. Tradução livre.

restrita. Em nome de uma “prática orientada para o futuro da nação” e utilizando critérios racialistas e ideológicos, o governo Vargas objetivava permitir a entrada apenas daqueles que eram considerados “bons” imigrantes (VENANCIO E FACCHINETTI, 2005). Judeus, negros, japoneses e outras etnias tidas como indesejáveis, supostamente, “colocavam em risco o processo de construção da raça e da brasilidade” (CARNEIRO, 2018, p. 118).

Com a chegada de Oswaldo Aranha ao Ministério de Relações Exteriores do Brasil em março de 1938, as restrições foram minimamente flexibilizadas pelo que o historiador Fábio Koifman chamou de “a janela Aranha” (KOIFMAN, 2002, p. 120).

Uma das possibilidades de imigração permitidas pela “janela” tratava-se da concessão de vistos à parentes ou cônjuges de judeus que já residiam legalmente no Brasil. Esta concessão era realizada a partir das “cartas de chamada”, documentos nos quais a família já residente no Brasil declarava uma garantia de que o imigrante teria apoio e auxílio ao chegar no país (FREIDSEN, 2014).

Outra possibilidade se deu a partir de um esforço da Santa Sé, que, representada pela figura do Papa Pio XII, buscou uma negociação com o Getúlio Vargas em prol da flexibilização das leis de imigração. Como forma de driblar esta lei (PARADA, 2015, p. 96) sem ferir os princípios da política migratória antijudaica (MILGRAM, 1994, p. 86), o governo brasileiro autorizou a entrada de 3000 imigrantes identificados, não como judeus, mas como “católicos não-arianos” (MILGRAM, 1994, p. 89). Destes 3 mil, a embaixada do Brasil no Vaticano se responsabilizaria pela distribuição de 1000 vistos para imigração, enquanto a distribuição dos 2000 vistos restantes ficaria a cargo da embaixada brasileira em Berlim (MILGRAM, 1994; SANTOS, J. 2022). O acordo, no entanto, foi ignorado por Cyro de Freitas Valle, que atuou como embaixador brasileiro na Alemanha entre 1939 e 1942 e se mostrou um ferrenho opositor da entrada de judeus no Brasil. Por conta desta atitude, daquela cota que autorizava a entrada de 3000 refugiados em território brasileiro, cerca de 1000 pessoas conseguiram, de fato, a autorização (CARNEIRO, 1988; MILGRAM, 1994; SANTOS, J. 2022). Ulrich Becher e sua família fizeram parte deste grupo.

3. Da Europa para o Brasil: uma viagem sem chegada

Os nomes de Ulrich Becher e sua família acabaram integrando a chamada lista de Görden, referente ao historiador e professor alemão Hermann Mathias Görden que havia recebido de seu antigo orientador Friedrich Wilhelm Förster⁸, a missão de conseguir vistos de saída da Europa para um grupo de pouco mais de 40 pessoas perseguidas por motivos raciais ou por integrarem a

8 Friedrich Wilhelm Foerster (1869-1966) foi um intelectual alemão conhecido por seus ideais pacifistas e por se opor publicamente ao nazismo (WIRTH, 1999).

resistência política e religiosa (GÖRGEN, 1999).

Sob a justificativa de abrir uma fábrica no município de Juiz de Fora, Minas Gerais, Görgen conseguiu a autorização de imigrar para o Brasil juntamente com seu grupo que seria encarregado pela produção do empreendimento (SANTOS, J., 2022; FACCHINETTI, 2024). Por intervenção do Papa Pio XII, Görgen conseguira vistos de trânsito que autorizavam seu grupo a atravessar de trem pela Espanha – onde os refugiados da Alemanha eram presos pelo governo de Francisco Franco – e de lá alcançar Lisboa, onde alguns navios ainda partiam para o Brasil (GÖRGEN, 1991).

Havia outro desafio a ser superado: o passaporte de muitos dos refugiados que integravam o grupo possuíam o carimbo “J”, identificando-os como judeus, o que representava um obstáculo para a entrada em um país cuja imigração era permitida apenas a católicos. Para contornar o problema, o intelectual conseguiu passaportes tchecos⁹ para os judeus e passaportes Nansen (para apátridas) para aqueles que não possuíam nenhum documento (SANTOS, J., 2022, p. 25).

Em meio a este contexto, decididos a deixar a Europa, os casais Richard e Elise e Ulrich e Dana Becher conseguiram ser aderidos ao grupo de Görgen. Richard Becher, que havia sido advogado credenciado da embaixada da República Tcheca em Berlim, é quem conseguiu o passaporte tcheco dos quatro, como cortesia fornecida pelo país (MICHAHELLES, 2021, p. 77).

Apesar de não ser a primeira opção de exílio, assim como para a maioria dos escritores e intelectuais perseguidos pelo nazismo (KESTLER, 1999), os Becher decidiram pegar a primeira oportunidade para sair da Europa¹⁰. E foi assim que, em 11 de maio de 1941, desembarcaram no Brasil, via Lisboa a bordo do vapor Cabo de Hornos¹¹.

Na lista de desembarque do vapor, os dois homens foram identificados como tendo a nacionalidade tcheca. Ulrich era identificado também como católico e de profissão “técnico”, enquanto Richard foi identificado como advogado e protestante. Já no caso das mulheres, Dana foi identificada como “doméstica”, de nacionalidade alemã e religião protestante e Elise como suíça, doméstica e católica¹².

Não se sabe ao certo a dinâmica que levou à distribuição de tais classificações. É possível

9 No texto De que modo o Vaticano nos salvou (a fuga ao nazismo: na Europa e além do Atlântico), Görgen afirma: “acrescia que tínhamos, em grande maioria, passes gratuitos tchecoslovacos, que eu havia providenciado através do Presidente do Governo tcheco no exílio em Londres, Dr. Eduardo Benes, e do enviado tcheco à Liga das Nações, Dr. Jaromir Kopecky” (Görgen, 1999: 111).

10 Carta de Dana Becher a seus pais em 09 de julho de 1941. Em exposição na mostra online Kuenste im Exil, disponível em < <https://kuenste-im-exil.de/KIE/Content/EN/SpecialExhibitions/UlrichBecher-en/Objects/04-exile-in-brazil/brasilien.html> >. Acesso em 12 de maio de 2024.

11 Lista de desembarque do Vapor Cabo de Hornos em 11 de maio de 1941. Disponível nas relações de passageiros em vapores do Porto do Rio de Janeiro do Arquivo Nacional. Notação: BR.AN,RIO.OL.0.RPV, PRJ.33235. Disponível também online por meio do link: <http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_RJANRIO_OL/0/RPV/PRJ/33235/BR_RJANRIO_OL_0_RPV_PRJ_33235_d0001de0001.pdf>. Acesso em 01 de fevereiro de 2025.

12 Idem.

afirmar, contudo, que a profissão “técnico”, conferida à Ulrich, permitia a ele entrada no país como funcionário da fábrica de Hermann Görgen. Além disso, as religiões católica e protestante se alinhavam a uma das principais regras de imigração para o Brasil, permitida apenas a cristãos.

Apesar de terem viajado lado a lado com aqueles que migraram para trabalhar na fábrica de Görgen, a família Becher ficou pouco tempo em Juiz de Fora. Pouco após chegarem ao Brasil, os casais se separaram e Richard e Elise partiram para Belo Horizonte, capital de Minas Gerais e, posteriormente, para a cidade do Rio de Janeiro, onde viveram até 1945, quando partiram para os Estados Unidos da América¹³. Já Ulrich e Dana foram para o estado do Rio de Janeiro onde moraram na capital e no município de Petrópolis. Em 1943, mudaram-se para São Paulo, onde passaram a viver em Campos do Jordão (MICHAHELLES, 2021, p. 77).

Durante os anos em que passaram no Brasil, Ulrich e Dana Becher lutaram incessantemente pela oportunidade de migrar para os Estados Unidos da América, onde se juntariam aos Roda, pais de Dana. Como veremos mais adiante, sua passagem pelo Brasil foi um período de angústia e inadaptação para ambos. Anos depois, no livro *Romanceiro Brasileiro*, obra sobre o exílio no Brasil, Ulrich Becher escreveria os seguintes versos: “nesse país, fui um andarilho cansado do cansaço/ Fui um andarilho no país, jamais alguém que ficou” (BECHER, 1985, p. 85).

Em 1944, o casal conseguiu o visto e se mudou para Nova York. Lá, se juntaram aos pais de Dana e viram a família crescer com o nascimento de Martin Roda Becher, primeiro filho de Ulrich e Dana. Em 1948, três anos após o fim da guerra, retornaram para a Europa, onde se estabeleceram em Basiléia, Suíça (MICHAHELLES, 2021).

4. De uma ditadura para uma ditadura

Por trás da reputação de um país pacífico, capaz de oferecer “gentil e hospitaleira guarida”, que Stefan Zweig mencionara em uma de suas cartas de despedida¹⁴, o Brasil vivia sob um governo autoritário. Outro refugiado, o alemão Frank Arnau¹⁵ resumiu bem a questão ao trazer seu testemunho sobre a chegada desses deslocados ao país e o (mau) encontro com a sombra do autoritarismo: “Eles vieram de uma ditadura e foram para uma ditadura” (ECKL, 2015, p. 123).

13 Os nomes de Richard e Elise Becher constam na lista de passageiros do navio SS Jose Menendez, que partiu de Buenos Aires na Argentina e desembarcou em Philadelphia, nos Estados Unidos, no dia 04 de novembro de 1945. A lista de passageiros indica que sua última residência era no Rio de Janeiro. A esta altura, Ulrich e Dana já viviam nos Estados Unidos. Disponível em < <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:K6MW-BNM> >. Acesso 10 de maio de 2024.

14 Carta de despedida de Stefan Zweig extraída de “Em 23 de fevereiro de 1942, Stefan Zweig e esposa cometiam suicídio em Petrópolis”. Disponível em < <https://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/em-23-de-fevereiro-de-1942-stefan-zweig-e-esposa-cometiam-suicidio-em-petropolis/#:~:text=A%20cada%20dia%20aprendi%20a,para%20come%20C3%A7ar%20tudo%20de%20novo.> >. Acesso 21 de outubro de 2024.

15 Frank Arnau, batizado Heinrich Schmitt (1894-1976) foi um escritor austríaco que, por se opor a Hitler foi perseguido pelos nazistas e se exilou no Brasil entre os anos de 1939 e 1955 (BELOCH *et al*, 2021, p. 63-65).

Becher sentiu na pele esta contradição.

Isso porque, em prol de garantir seu governo, Getúlio Vargas exerceu uma política rígida e pouco flexível, fechando o parlamento, suprimindo os direitos políticos e eliminando a liberdade de imprensa (CODATO, 2013, p. 190). Em paralelo, investiu fortemente em um projeto nacionalista que vislumbrava a constituição de um país unificado. Para isso, seu governo dedicou-se à construção de uma ideia de “brasilidade” moderna, cultuada como a essência do povo e do governo brasileiro, carregando os referenciais culturais e sociais que “deviam convergir numa homogeneidade de pensamento e ação” (SANTOS, A., 2010, p. 85).

Esta política teve muitos impactos no cotidiano de estrangeiros que viviam em solo brasileiro, inclusive de Ulrich Becher. No ano de 1938, havia sido instituído o Decreto-lei 838¹⁶ que proibia aos estrangeiros toda e qualquer atividade ou manifestação política no país. Esta proibição, em si, já era um grande empecilho para o escritor, já que a crítica política e social constituía um traço importante de sua identidade artística.

Havia, porém, outra proibição ainda mais limitante. O Decreto-lei 406¹⁷, daquele mesmo ano, proibia a publicação e circulação de livros, jornais e revistas em língua estrangeira. A proibição derivava de uma atmosfera de suspeição em relação à imprensa estrangeira que, no início da década de 1930, representava 5% da circulação no país. A partir de 1938, sob a pesada vigilância da ditadura Vargas, este segmento tornou-se alvo de suspeita e passou a ser visto como subversivo e antipatriótico (WEBER, 2020, p. 25). Como consequência, em 1941, todas as editoras e jornais de língua alemã tinham sido fechados no Brasil (OBERACKER, s/a, p. 01).

A fiscalização se tornou ainda mais intensa em 1942, quando o país entrou na II Guerra Mundial ao lado dos Aliados e contra a Alemanha. A partir de então, quaisquer manifestações em língua alemã, italiana e japonesa no Brasil foram colocadas sob suspeita de apoiar as nações inimigas e ideologias como o nazismo e o fascismo em território nacional.

A língua alemã, contudo, era a única que Becher dominava naquele momento em que acabara de chegar no país. Neste contexto, ele que tivera seus livros classificados como degenerados e queimados na Alemanha, também fora obrigado a se calar no exílio (Eckl, 2011). Ainda mais angustiante para o escritor era o fato de que, distante da Europa, onde o fascismo avançava, a única arma disponível para a manutenção de sua resistência antifascista era a escrita – que também lhe fora proibida no Brasil. Fato que o lançava ao doloroso dilema de ter que decidir

16 Decreto-lei 838 de 1938 disponível em < [https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-838-8-novembro-1938-350305-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Estende%20%C3%A0%20Pol%C3%ADcia%20Militar%20e,25%20de%20abril%20de%201934](https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-838-8-novembro-1938-350305-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Estende%20%C3%A0%20Pol%C3%ADcia%20Militar%20e,25%20de%20abril%20de%201934.). >. Acesso em 21 de outubro de 2024.

17 Decreto-lei 406 de 1938 disponível em < <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html>. >. Acesso em 21 de outubro de 2024.

“entre o estabelecimento de uma nova vida no país de refúgio e a volta à Europa, para lá se juntar à resistência ativa e à luta contra o fascismo” (Eckl, 2011: 137).

Esta foi também uma das inquietações enfrentadas por um dos protagonistas em sua primeira peça de teatro, publicada poucos anos após o fim da guerra, quando Becher já havia voltado para a Suíça. Intitulada *Samba*, a peça se inspira em membros do grupo que viajou sob a liderança de Görden para contar a história de um grupo de migrantes que desembarcou no Brasil, em um pequeno hotel em Duque de Caixas, no Rio de Janeiro, enquanto a Europa definhava sob as sombras da guerra e do fascismo. Como observa Marlen Eckl a respeito de *Samba*, “os heróis de Becher encontram-se em uma situação de emergência, pois a responsabilidade pessoal na luta contra o fascismo não somente exige deles uma decisão, mas também seu cumprimento” (ECKL, 2011, p. 138).

A peça expõe também outro fenômeno que inquietava ao escritor: o grande número de brasileiros que se assumiam como partidários de Hitler. Sobre isso, vale lembrar que, entre 1928 e 1938, o Brasil foi sede de uma associação partidária chamada Juventude Hitlerista, ligada ao nacional socialismo alemão e que foi reconhecida como a maior filial nazista fora da Alemanha. Presente em 17 estados brasileiros, a associação foi proibida por Getúlio Vargas em fins da década de 1930 quando o Brasil cortou suas relações com a Alemanha e quando, em virtude de seu projeto de nacionalização, restringiu a difusão dos valores de outros países e outras culturas em território nacional (DIETRICH, 2011, p. 04).

Mesmo com as filiações nazistas na ilegalidade, a ideologia continuou a seduzir partidários brasileiros, num fenômeno que se tornou matéria-prima na dramaturgia de Becher, cuja narrativa explora, entre tantos temas, as redes de apoio ao nazismo que se formavam no Brasil entre locais e imigrantes. De acordo com Eckl, o objetivo do escritor foi “chamar a atenção do público europeu para o fato de que o nacional-socialismo também tinha partidários e simpatizantes em um país longínquo como o Brasil e, supostamente, fora do alcance de Hitler” (ECKL, 2011, p. 139).

Assim como em *Samba*, a paisagem brasileira converteu-se em cenário de várias das obras que Becher publicou após o exílio. No Brasil, contudo, as proibições impostas pela ditadura varguista limitaram seu trabalho. Apesar de conseguir publicar pequenas crônicas no jornal *O Estado de São Paulo* em 1943, o escritor publicou apenas uma obra literária durante sua estada no país, o que só foi possível por meio da transgressão. O conto, intitulado “A Lenda do salteador que se tornou policial” foi produzido por uma editora marginal chamada *Biblioteca de Emergência de Alemães Antifascistas no Rio de Janeiro* e publicado em 1943. A Editora era um empreendimento

clandestino criado pelo próprio Becher e por Willy Keller¹⁸, dramaturgo alemão que também vivia como exilado no Rio de Janeiro. Por se tratar de uma editora marginal, os exemplares eram produzidos e distribuídos pelos próprios artistas e editores sem quaisquer instrumentos de alta tecnologia (ANDRIES, 2005, p. 201).

Trazendo uma sátira contra o nazismo e contra a elite que mantinha Hitler no poder, o enredo trazia a história do líder de um grupo de assaltantes que é convidado pelas elites a conter a revolta dos trabalhadores. As cópias eram feitas por meio do mimeógrafo e o conto de Becher teve uma tiragem de 500 exemplares cuja circulação ficou restrita aos círculos antifascistas (KESTLER, 1999, p. 118).

5. A solidão e o mal-estar de Ulrich Becher na selva serrana brasileira

Tendo o Brasil como seu principal cenário e com inspiração nas próprias experiências do autor no exílio, a peça *Samba*, escrita por Ulrich Becher, foi apresentada no teatro Schlossparktheater, na Berlim Ocidental em 1952. Sua exibição foi noticiada no jornal brasileiro Última Hora, em matéria intitulada “‘Samba’ em Berlim”, publicada em 29 de abril daquele ano.

A matéria, assinada por Richard Lewinsohn, representante do jornal na Europa, descreveu a peça como uma obra “convencional, como todo o atual teatro na Alemanha, mas de boa qualidade, valorizada por alguns atores excelentes, resíduos da época pré-hitleriana”. Os “diálogos intermináveis” e as “repetições” que permeavam a narrativa, contudo, não agradaram ao jornalista que concluiu sua matéria declarando que “mais uma vez, a esperança de se haver encontrado um verdadeiro autor dramático entre a nova geração alemã foi por água abaixo”¹⁹.

Lewinsohn, contudo, chama a atenção para um aspecto de grande relevância em *Samba*. O mal-estar dos personagens diante de sua inadaptação ao exílio:

Um jovem autor alemão, Ulrich Becher, que viveu durante algum tempo na América do Sul, escolheu o Brasil como cenário para uma peça que pretende analisar as angústias e as perturbações psíquicas de dez emigrados vítimas do nazismo. Estes se encontram no saguão de um hotel modesto no interior do Brasil e contam uns aos outros, durante a noite, as suas desventuras. Nenhum deles pôde adaptar-se às circunstâncias, nem começar vida nova, fazer qualquer coisa de útil a si mesmos e ao país que generosamente os acolheu. A maioria deles sucumbe ou cai em completa decadência²⁰.

18 Karl Wilhelm (Willy) Keller foi um diretor de teatro, escritor, jornalista, tradutor alemão, nascido em 1900. Buscou refúgio no Brasil em 1935, onde viveu até a sua morte em 1979 (BELOCH *et al*, 2021, p. 334-338).

19 LEWINSOHN, R. “Samba” em Berlim. Jornal Última Hora. 29 de abril de 1952, p. 04. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&Pesq=Ulrich%20becher&pagfis=7609>>. Acesso 12 de novembro de 2024.

20 Idem.

As “angústias e perturbações psíquicas” apontadas pelo jornalista, é claro, nos dizem muito sobre a própria experiência de exílio vivenciada pelo autor da obra. Isso porque, para além dos obstáculos causados pela censura e o autoritarismo político, foram muitas as dificuldades enfrentadas pelo casal Becher desde seus primeiros meses no Brasil. Em carta escrita a seus pais em julho de 1941, pouco após chegarem à cidade do Rio de Janeiro, Dana falava sobre seu cotidiano em Copacabana, mencionando o fato de seu esposo ter passado três dias de febre alta e diarreia após ingerir alimentos crus: “Aqui você tem que abrir mão de saladas e coisas assim, sempre falam isso, mas você não acredita. Uli [Becher] tem um azar incomum e me preocupa um pouco porque é muito gentil e faz imediatamente o que lhe mandam”²¹.

Na mesma carta, Dana lamenta estar tão longe da família e fala sobre a profunda angústia que sentia ao pensar que se tivessem esperado mais tempo em Portugal antes de vir para o Brasil, talvez tivessem conseguido ir para os Estados Unidos: “é horrível como somos azarados. Poderíamos ter esperado em Lisboa até conseguirmos um navio para Nova York - como se viu. Mas quem poderia saber, dado o pânico que existia na época. Fico muito doente quando penso na oportunidade perdida”²².

Durante os anos em que passaram no Brasil, o casal lutou para conseguir uma oportunidade de se juntar a sua família e amigos nos Estados Unidos da América, país que consideravam mais “civilizado” (BOHUNOVSKY, 2008, p. 88). A experiência, contudo, acabou fornecendo elementos que, posteriormente, integraram a arte de Becher. As diversas referências ao país em sua literatura pós-exílio expressam sua admiração e espanto pela fauna e flora do país. Mais expressivo é a revolta do autor em descrever as maneiras como a natureza era explorada pelos brasileiros. Este país, tão estranho, onde o galo, curiosamente, “canta antes da meia noite” (BECHER *apud* BOHUNOVSKY, 2008, p. 90), parecia a Becher, como observou Celeste Sousa (1996) um paraíso natural que fora soterrado pela ação humana em nome de uma suposta civilização. Se por um lado, poderíamos descrever o Brasil de Becher como “um mundo de estranhezas, de paisagens mágicas e às vezes ameaçadoras” (KESTLER, 1999, p. 119), por outro, era também um Brasil cuja paisagem urbana era um “lugar infernal” marcado pela miséria humana (SOUSA, 1996, p. 74).

Para além da assustadora natureza, era claro o desconforto e o mal-estar de Becher em relação ao país que o acolhera. Rejeitado em sua própria nação, o escritor se via como uma peça que não se encaixa no quebra-cabeças cultural brasileiro. Em carta escrita em fevereiro de 1944, “no meio da selva serrana brasileira, a 1500 m de altura com um chapéu de safari (*Tropfenhelm*) no

21 Da exposição na mostra online *Künste im Exil*, disponível em < <https://kuenste-im-exil.de/KIE/Content/EN/Persons/ulrich-becher.html> >. Acesso 27 de abril de 2024.

22 Idem.

pescoço” (BECHER apud BECHER e GROSZ, 1989, p. 149. Tradução livre), o escritor, que naquele momento vivia em Campos do Jordão, descreve a solidão e o estranhamento em relação ao exílio:

Aqui é completamente solitário, não há *pub*, não há nada, apenas as “vendas”, onde você pode comprar selas mexicanas, machados e aguardente de cana-de-açúcar. Os porcos pretos semi-selvagens brincam nas florestas pantanosas, o gado zebu indiano pasta nas colinas nuas brilhando com terra vermelha queimada, e “caboclos” quase se arrastando em pequenos cavalos que correm como insetos, mal levantando as pernas enquanto correm, mais rastejando do que trotando. Há pinheiros de 25 metros de altura com troncos gigantes roxos nus e cintilantes e pássaros azul-celin voando ao redor. Outros pássaros invisíveis gritam provocativamente “Bem-te-vi” e florestas de samambaias imóveis cobrem os pantanosos caminhos – diz-se que é o mais antigo e inalterado daqui (BECHER apud BECHER e GROSZ, 1989, p. 149-150. Tradução livre).

O estranhamento em relação ao país tornara-se também um estranhamento em relação a si próprio. Quem era Ulrich Becher após tanto tempo longe de sua amada Europa e de seus amigos? Tais questões se delineiam nas tristes linhas de sua carta, revelando a angústia do exilado: “Quando penso no fato de não te ver há 11 anos, querido Böff, de repente me sinto diferente. Sinto como se tivesse perdido o controle da altitude nesta década, de estar sem grandes emoções...” (BECHER apud BECHER e GROSZ, 1989, p. 150. Tradução livre).

6. Refúgio e saúde mental

Em que medida, essa teia de emoções é capaz de incidir sobre a saúde mental do refugiado? Em reflexão sobre os sobreviventes dos campos de concentração, o filósofo Giorgio Agamben (2002) pensa as maneiras pelas quais o grande peso da violência do Outro recai sobre aqueles sujeitos, lançando-os na condição de “não poder não recordar”. De acordo com essa premissa, o impedimento de recalque, necessário para que o sujeito possa se separar e se esquecer de um determinado evento traumático manteria os sujeitos na ordem do acontecimento. Para Agamben, seria justamente na falta de distância entre a demanda inconsciente e a resposta do Outro que surge a angústia. Partindo de suas considerações, a psicanalista Miriam Debieux Rosa, especialista no tema da migração e cultura, retoma o vivido pelos sobreviventes para discutir a angústia automática:

A angústia, nesses casos, apresenta-se não como manifestação sintomática (caso da angústia neurótica em Freud), tampouco como fuga, mas como um tempo no qual o sujeito custa a se localizar e que, por esta razão, é vinculado ao sentimento de estranheza, o *Unheimlich* freudiano (ROSA, 2012, p. 72).

Permeadas pela angústia, as consequências deste tempo em que o sujeito custa a se localizar são imensas e impactam em sua posição subjetiva e no laço social, traduzindo-se em silêncios, em ausências do simbólico. Dessa forma, “silenciado sob o signo da morte, o sujeito é fadado a vagar sem pouso, sendo-lhe vedada a experiência compartilhada, a posição de passador da cultura” (ROSA, 2012, p. 72).

Esta é a posição em que Ulrich Becher se encontra em seu período no Brasil. Como revelam as referências ao país em sua literatura, a solidão, o estranhamento e a sensação de inadaptação foram a marca de sua experiência de refúgio. Os efeitos deste processo em sua trajetória podem ser observados, por exemplo, na carta que ele escreve à Grosz após conseguir o visto para os Estados Unidos, onde espera encontrar sua família e o amigo que não vê há tanto tempo. Na carta, o escritor revela ao correspondente o quanto o peso dos anos, da guerra e do exílio o tornaram uma pessoa muito diferente daquele que o encontrara pela última vez:

Se Deus quiser, nos veremos novamente em um mês. Onze, quase doze anos, doze lindos, fofos e adoráveis aninhos, homem de Deus, trovão, choque um! Não preciso dizer o quanto estou feliz, Böff. Mas não tenha ilusões sobre a minha casca exterior. Não sobrou mais nada do jovem arrojado, do assassino despreocupado de antigamente - especialmente neste momento. Rechonchudo e pesado de sol, o vinho português barato, o imperativo deste clima: não se mexer e beber alguma coisa quando chega o entardecer, tão exausto. Também tenho o nariz inchado por causa de um soco frontal (nazistas suíços; briga) - o que serve como um doloroso barômetro para mim (BECHER apud BECHER e GROSZ, 1989, p. 153. Tradução livre).

Assim como esta carta, as demais obras produzidas *no* Brasil e *sobre* o Brasil nos revelam a dor, as angústias e a dificuldade do escritor para se adaptar ao exílio. Em 1944, o casal Becher foi para os Estados Unidos da América onde, além de passar por uma fase de intensa produção, Ulrich pôde finalmente trazer a público os livros cuja publicação fora proibida no Brasil. Em 1948 voltaram para a Europa e estabeleceram-se na Basileia, onde tiveram uma longa vida num grande prédio em uma região urbanizada.

Apesar de ter vivido uma vida tranquila após o exílio até sua morte em 1990, a guerra, o medo, a desconfiança e a miséria deram o tom de toda a sua obra posterior à guerra.

7. Considerações Finais

A trajetória de Becher é única, e sua obra trata do modo como foi (im)possível para aquele artista experimentar as agruras do viver em um tempo de “perdição”. Ao mesmo tempo, seu testemunho nos revela como, mesmo se distanciando da guerra e da perseguição nazista, o mal-estar resultante destas vivências jamais foi passível de superação para grande parte daquela geração.

Partindo das considerações do Professor Tobie Nathan, fundador do Centro Georges Devereux de assistência psicológica às famílias emigrantes em Paris, a psicóloga Lucienne Martins-Borges (2013, p. 151) propõe a relação entre o sujeito e seu espaço social de origem. Considera que o espaço social em que o sujeito cresce corresponde “ao ‘mapa mental’ que permite a cada membro de uma sociedade movimentar-se, pensar e trabalhar; enfim, viver evitando medo e perplexidade”. O alinhamento entre este espaço social (mundo externo) e o psiquismo do sujeito (mundo interno) seriam, segundo a pesquisadora, primordiais para o bem-estar dos sujeitos, já que é na comunicação entre estas duas instâncias que se constrói a linguagem simbólica do sujeito e seu desenvolvimento psíquico. O desalinhamento entre estes espaços é capaz de produzir efeitos radicais para o sentimento de si e a relação social que envolve o sujeito. O migrante, neste sentido:

(...) é aquele sujeito que se encontra fora da zona geográfica cultural na qual se constituiu. A comunicação entre o mundo externo e o mundo interno se encontra – pelo menos temporariamente – abalada. Essa ausência de comunicação pode gerar vulnerabilidade psíquica para o migrante - e principalmente para os refugiados - que se deparam com a experiência do *non-sens*, da falta de compreensão, de defesa/proteção que poderia lhe proporcionar sua cultura de origem - por mais destruidora que tenha sido (MARTINS-BORGES, 2013, p. 151).

Tais reflexões somadas à experiência de Ulrich Becher chamam a atenção para o fato de que o cuidado daqueles que passam pela experiência da migração forçada não deve levar em conta apenas a experiência vivida no país de origem, mas também as dificuldades enfrentadas no país que os acolhe.

O relatório mais recente da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) aponta que até setembro de 2023, mais de 114 milhões de pessoas foram deslocadas involuntariamente de suas terras de origem por questões relacionadas a perseguições, violência e violações dos direitos humanos²³.

Na América Latina, o Brasil é o terceiro país que mais acolhe refugiados, atrás apenas de Costa Rica e Equador (LIMA et al, 2017). Contudo, mais do que dados estatísticos, os números em questão nos mostram a relevância de se discutir o assunto e abordar o tema de modo a pensar não apenas o bem-estar físico destes refugiados, mas também psíquico. Trata-se portanto, de assumir um compromisso com os direitos humanos e com o enfrentamento das vulnerabilidades sociais e psíquicas que envolvem experiências traumáticas e condições de vida e saúde.

23 Relatório global semestral da Acnur disponível em < https://reporting.unhcr.org/globalreport2021?_gl=1*2upbcs*_rup_ga*MjA5Njc1NTA2MC4xNzE0MDY2ODk2*_rup_ga_EVDQTJ4LMY*MTcxNjk5NjY1NC4yLjAuMTcxNjk5NjY1NC42MC4wLjA.*_ga*MjA5Njc1NTA2MC4xNzE0MDY2ODk2*_ga_1NY8H8HC5P*MTcxNjk5NjY1NS4yLjAuMTcxNjk5NjY1NS42MC4wLjA.#_ga=2.73834523.880460843.1716996655-2096755060.1714066896 >. Acesso 25 de outubro de 2024.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Lo que queda de Auschwitz: el archivo y el testigo: homo sacer*. vol. III. Pre-Textos, 2002.
- ANDRIES, Carrie A. *Exiled in the Tropics: Nazi protesters and the Getulio Vargas Regime in Brazil, 1933-1945*. Tese (Doutorado em Philosophy in the subject of History) - Departamento de História, Harvard University, Cambridge, estado de Massachusetts. 2005.
- BARROS, José A. Sobre a feitura da micro-história. *OP SIS*, v. 7, n. 9, p. 167-185, 2007.
- BECHER, Ulrich. *Brasilianischer Romanzero*. Hamburgo: Rowohlt, 1962.
- BECHER, Ulrich; GROSZ, George. *Flashenpost: Geschichte einer Freundschaft*. Lenos, 1989.
- BELOCH, Israel; KOIFMAN, Fábio; MICHAHELLES, Kristina. *Dicionário dos refugiados do fascismo no Brasil*. Casa Stefan Zweig, 2021.
- BERRIDGE, Virginia. History in Public Health: Who needs it? *The Lancet*, v. 356, p. 1923-1925. 2000.
- BOHUNOVSKY, Ruth. O Brasil de Ulrich Becher no Romanceiro Brasileiro: a harmonia em questão. *Pandaemonium Germanicum, Revista de Estudos Germanísticos*, n. 12, p. 80-99, 2008. DOI: <https://doi.org/10.11606/1982-8837.pg.2008.62264>
- CARNEIRO, Maria L.T. Imigrantes indesejáveis: a ideologia do etiquetamento durante a Era Vargas. *Revista USP*, n. 119, p. 115-130, 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i119p115-130>
- CODATO, Adriano. Os mecanismos institucionais da ditadura de 1937: uma análise das contradições do regime de Interventorias Federais nos estados. *História* (São Paulo), v. 32, n. 2, p. 189-208, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-90742013000200010>
- DIETRICH, Ana M. Narrativas orais da Juventude Hitlerista e Neonazista no Brasil. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, 2011, p. 01-21.
- GUNCHO, M. R. A educação à distância e a biblioteca universitária. In: SEMINÁRIO DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 10., 1998, Fortaleza. Anais [...]. Fortaleza: Tec Treina, 1998. 1 CD-ROM.
- ECKL, Marlen. O exílio no Brasil ou “a Europa no meio do mato”: desencontros entre Stefan Zweig e Ulrich Becher. *Revista IEB*, n. 53, p. 127-148, 2011.
- ECKL, Marlen. Entre resistência e resignação: as atividades políticas do exílio de língua alemã no Brasil, 1933-1945. *Projeto História*, n. 53, p. 121-159. 2015
- EVANS, Richard. *A chegada do terceiro Reich*. Editora Planeta, 2003. [E-book]

- FACCHINETTI, Cristiana. “La Fábrica INTEC: intelectuales, saberes y tecnología en la huida del nazismo y en el refugio en Brasil (1938-1954)”. In: ALLEVI, José I.; RINKE, Stefan (Eds.). *Saberes globales y expertos locales en America Latina en el siglo XIX*. WBG Academic, p. 305-328. 2024.
- FERREIRA; Alisson V.S.; LODETTI, Mariá B.; MARTINS-BORGES, Lucienne. Recomeço: o sofrimento psíquico na imigração involuntária e a política de inclusão nas universidades brasileiras. *Remhu: Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, v. 29, n. 63, p. 141-158. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006309>
- FREIDENSEN, Marilia Levi. *Carta de chamada: relatos de imigração judaica em São Paulo de 1930-1942*. Annalume, 2014.
- FRIEDLÄNDER, Saul. *Nazi Germany and the Jews, 1933-1945*. Harper, 2009.
- HERBERTZ, Adelaide Maristela. *Xeque-mate no país do futuro: Stefan Zweig e o exílio no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2001.
- HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Companhia das Letras, 2003.
- GÖRGEN, Hermann M. De que modo o Vaticano nos salvou (a fuga ao nazismo: na Europa e além do Atlântico). In: GÖRGEN, Hermann M. *Ensaaios*. Presença, 1991. p. 19-115.
- KESTLER, Izabela M. F. Exílio no Brasil de escritores e intelectuais de fala alemã e a literatura do exílio de Ulrich Becher e Hugo Simon. *Pandaemonium Germanicum*, n. 3, n. 1, p. 109-126, 1999. DOI: <https://doi.org/10.11606/1982-8837.pg.1999.63903>
- KOIFMAN, Fábio. *Quixote nas trevas: o embaixador Souza Dantas e os refugiados do nazismo*. Record, 2002.
- KOIFMAN, Fábio. O Estado Novo e as restrições à entrada de refugiados: história e construção de memória. *Acervo*, v. 30, n. 2, p. 71-88, 2017.
- LESSER, J. Vom Antisemitismus zum Philosemitismus: Das wechselnde Bilddeutschjüdischer Einwanderer in Brasilien 1935-1945. In: KOHUT, K.; VON ZURMÜHLEN, P. (Org.). *Alternative Lateinamerika: Das deutsche Exil in der Zeit des Nationalsozialismus*. Frankfurt/M: Vervuert, 1994. p.89-104.
- LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-história. In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história: Novas perspectivas*. Unesp, 1992. p. 133-161.
- LEVI, Giovanni. Micro-história e história da imigração. In: VENDRAME, Mariá I.; KARSBURG, Alexandre; WEBER, Beatriz; FARINATTI, Luis A. (Orgs.). *Micro-história, trajetórias e imigração*. Okos Editora, 2015, p. 246-262.

SANTOS, Diego Luiz dos. O mal-estar em Ulrich Becher: a sombra do nazismo e o refúgio no Brasil

- LIMA, João B. B.; FUENTES MUÑOZ, Fernanda P.; NAZARENO, Luísa a.; AMARAL, Nemo. Refúgio no Brasil: caracterização dos perfis sociodemográficos dos refugiados (1998-2014). In: *Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada*, 2017.
- LUSTIG-PREAN, Karl. *Lustig-Preans Lachendes Panoptikum*. Forum Verlag, 1952.
- MACHADO, Gustavo da Silva. *Os movimentos da escuta: cartografia do cuidado em saúde mental oferecido a imigrantes* (Tese de doutorado em psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina, 2023.
- MARTINELLO, Eduarda C.C.; MATSUE, Regina Y.; LUTINSKI, Junior A. A medicalização no cuidado em saúde mental dos imigrantes internacionais: uma revisão integrativa da literatura. *Remhu: Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, v. 32, v. 32, p. 01-18, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880003226>
- MARTINS-BORGES, Lucienne. Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. *Remhu: Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, v. 21, n. 40, p. 151-162. 2013.
- MICHAHELLES, Kristina. Ulrich Becher. In: BELOCH, Israel; KOIFMAN, Fábio;
- MICHAHELLES, Kristina. *Dicionário dos refugiados do fascismo no Brasil*. Casa Stefan Zweig, 2021 p. 76-78.
- MILGRAM, Avraham. *Os judeus do Vaticano: a tentativa de salvação de católicos não-arianos da Alemanha ao Brasil através do Vaticano (1939-1942)*. Imago, 1994.
- NATHAN, Tobie. *La Folie des autres: Traité d'ethnopsychiatrie clinique*. Paris: Dunod, 1986.
- OBERACKER, Kar Heinrich. *Die Vernichtung der deutschsprachigen Presse in Brasilien im Jahre 1941*. São Paulo, Instituto Hans Staden, sem ano.
- PRATER, D. Stefan Zweig und die neue Welt: Stefan Zweig (1881-1981). *Aufsätze und Dokumente*, Viena, n. 2, p.137-63, 1981.
- REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Editora FGV, 1998.
- RICH, Adrienne. Introduction. In: KLEPFISZ, Irena. *A few words in the mother tongue: Poems selected and new 1971–1990*. The Eighth Mountain Press, 1990. p. 13-25.
- ROSA, Miriam Debieux. Migrantes, imigrantes e refugiados: a clínica do traumático. *Revista De Cultura e Extensão USP*, v. 7, p. 67-76. 2012. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9060.v7i0p67-76>
- SANTOS, Ademir V. Educação e nacionalismo configurando a escola primária catarinense na Era Vargas. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 24, p. 55-82, 2010.
- SANTOS, Diego L.; FACCHINETTI, Cristiana. Trauma e neurose em HQs: a autobiografia de um judeu americano. In: MAIA, João R.; REIS, José R. F.; CRUZ, Leandra B. *Pensar a Loucura: trilhas literárias, culturais, históricas*. Editora Fiocruz, 2023, p. 93-120.

SANTOS, Diego Luiz dos. O mal-estar em Ulrich Becher: a sombra do nazismo e o refúgio no Brasil

SANTOS, Jair. A diplomacia pontifícia e os refugiados judeus no Brasil (1939-1941): uma investigação preliminar nos arquivos de Pio XII. *Rev. Hist.*, n.181, a. 11021, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2022.191259>

SOUSA, Celeste H. M. R. *Retratos do Brasil: Hetero imagens literárias alemãs*. Arte e Cultura, 1996.

SPIEGELMAN, Art. *Maus: a survivor's tale*, vol. I. Pantheon Books. 1986.

SPIEGELMAN, Art. *Maus: a survivor's tale*, vol. II. Pantheon Books. 1991.

VENANCIO, Ana T.; FACCHINETTI, Cristiana. Gentes providas de outras terras: ciência psiquiátrica, imigração e nação brasileira. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 8, n.º 2, p. 356–363, 2005. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1415-47142005002011>

WEBER, Andréa. “O combate à imprensa em língua estrangeira no Brasil: políticas e ideias linguísticas na legislação da Era Vargas”. In: CAVALHEIRO, A. C. D., MARCHESAN, A. C., STÜBE, A. D., Horst, C., Paula, L. M.; LUZ, M. N. S., (eds). *Entre as fronteiras do ensino, da pesquisa e da extensão: estudos na área de Letras*. UFFS Editora, 2020, p. 26-40.

WILDT, Michael. *Hitler's Volksgemeinschaft and the Dynamics of Racial Exclusion: Violence Against Jews in Provincial Germany, 1919–1939*. Berghahn Books. 2012.

WIRTH, Günter. Friedrich Wilhelm Foerster. *Utopie kreativ*, n. 102, p. 05-18, 1999.

ZWEIG, Stefan. *Autobiografia: o mundo de ontem*. Zahar, 2014.